

A MULHER CIENTISTA E A MULHER ALIENÍGENA: A REPRESENTAÇÃO FEMININA EM UMA FICÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA¹

THE SCIENTIST WOMAN AND THE ALIEN WOMAN:

female representation in Brazilian science fiction

LA MUJER CIENTÍFICA Y LA MUJER EXTRANJERA:

representación femenina en la ciencia ficción brasileña

> Carolina de Oliveira Silva [Universidade Estadual de Campinas, Brasil]*

RESUMO Partindo do filme *Os Cosmonautas* [1962] de Victor Lima, uma ficção científica nacional que conta a história de uma missão espacial brasileira bastante confusa, a análise destaca duas personagens femininas relevantes – a cientista Alice [Telma Elita] e a alienígena Krina Iris [Neide Aparecida]. Ao abordar o filme a partir das problemáticas de gênero, a hipótese é de que a produção explora a construção de suas personagens, prevendo outras possibilidades de existência aos estudos feministas no cinema brasileiro em meio a um gênero cinematográfico tão híbrido e, quiçá para alguns, inexistente. Assim, a análise fílmica pretende apontar as complexidades na criação das personagens femininas que: confirmam estereótipos, utilizam-nos a seu favor e, por vezes, os negam, construindo outras formas de sobrevivência para as mulheres no mundo.

PALAVRAS-CHAVE ficção científica, personagens femininas, estudos feministas, cinema brasileiro

ABSTRACT Departing from the film *Os Cosmonautas* [1962] by Victor Lima, a national SF that tells the story of a very confused Brazilian space mission, the analysis highlights two relevant female characters – the scientist Alice [Telma Elita] and the alien Krina Iris [Neide Aparecida]. When approaching the film based on gender issues, the hypothesis is that the production explores the construction of its characters, foreseeing other possibilities of

*Carolina de Oliveira Silva é Mestre em Comunicação Audiovisual [UAM] e Doutoranda em Multimeios pela UNICAMP. E-mail: coralinacarol@gmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8447-1576>

existence for feminist studies in Brazilian cinema in the midst of such a cinematographic genre, hybrid and perhaps for some, non-existent. Thus, the film analysis aims to point out the complexities in the creation of female characters who: confirm stereotypes, use them in their favor and, sometimes, deny them, building other forms of survival for woman in the world.

KEYWORDS science fiction, female characters, feminist studies, Brazilian cinema

RESUMEN Partiendo de la película *Os Cosmonautas* [1962] de Victor Lima, una ciencia ficción nacional que cuenta la historia de una misión espacial brasileña muy confusa, el análisis destaca a dos personajes femeninos relevantes: la científica Alice [Telma Elita] y la alienígena Krina Iris [Neide Aparecida]. Al abordar la película desde la perspectiva de género, la hipótesis es que la producción explora la construcción de sus personajes, vislumbrando otras posibilidades de existencia para los estudios feministas en el cine brasileño en medio de un género tan híbrido y, quizás, inexistente. Así, el análisis cinematográfico pretende señalar las complejidades en la creación de personajes femeninos que: confirman estereotipos, los utilizan a su favor y en ocasiones los niegan, construyendo otras formas de supervivencia para las mujeres en el mundo.

PALABRAS CLAVE ciencia ficción, personajes femeninos, estudios feministas, cine brasileño

(Submetido: 5/3/2021;
Aceito: 7/5/2021;
Publicado: 7/7/2021)

Citação recomendada:
SILVA, Carolina de
Oliveira. A mulher científica e a mulher alienígena: a representação feminina em uma ficção científica brasileira. *Revista Poiésis*, Niterói, v. 22, n. 38, p. 293-308, jul./dez. 2021. [<https://doi.org/10.22409/poiesis.v22i38.49000>]

Este documento é distribuído nos termos da licença Creative Commons Atribuição-Não-Comercial 4.0 Internacional [CC-BY-NC]
© 2021 Carolina de Oliveira Silva

INTRODUÇÃO

Nos livros *Cinema de Bordas* [2006] e *Cinema de Bordas 2* [2008], Bernadette Lyra e Gelson Santana organizam uma série de artigos sobre a produção de “um cinema brasileiro ‘invisível’” [LYRA; SANTANA; 2006, p. 5] no Brasil. Tais produções pretendem trazer à tona para os estudos acadêmicos algumas práticas cinematográficas, costumeiramente consideradas periféricas ou marginais e que, muitas vezes, são colocadas às bordas pelas instituições. Todavia, esse cenário está aos poucos se modificando, muito devido ao grande e plural interesse demonstrado por pesquisadoras e pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento.

A valorização de uma história a contrapelo, ou seja, aquela do ponto de vista dos vencidos, é uma preocupação da Nova História desde a década de 1970, o que implicou em uma série de modificações das metodologias de análise sobre os materiais que, até então, não eram considerados como documentos válidos para a história. Com o aumento da incorporação sobre as questões de gênero dentro da academia e nas próprias discussões em sociedade, atualmente, muitas pesquisas atentam-se para perspectivas que destaquem a histórias das mulheres e suas lutas. Longe da compreensão que abarque apenas o crescimento econômico e de de-

sempenho tecnológico, o desenvolvimento de tais assuntos devem ser encarados como uma forma de implementação das transformações sociais, da promoção da igualdade e sustentabilidade, e que junto a perspectiva de gênero, precisam ser colocados em debate.

Desde 1970, as questões acerca do tema já começaram a ser discutidas na Conferência do México, conhecida como a I Conferência Mundial sobre as Mulheres, promovida pela ONU e que estabeleceu o Ano Internacional da Mulher em 1972 e a Declaração da Década da Mulher [1976-1985]. A partir daí, observou-se a contribuição feminina em setores como: a produção de alimentos em lugares como a África, a Índia e a América Latina que, em sua grande maioria, contam com a mão-de-obra feminina. Apesar disso, muitos impactos negativos também foram reconhecidos: as sobrecargas no trabalho, a distorção do controle familiar, a diferença de salário, a falta de acesso aos benefícios sociais, além das diversas consequências multifacetadas relacionadas ao meio ambiente e a cultura —, são os estudos de gênero começando a habitar outros terrenos, inclusive o cinematográfico.

Dessa maneira, ao destacar os estudos que se preocupam em compreender um gênero fílmico que ocupa um terreno aparentemente incerto dentro das produções brasileiras, obras como a de Alfredo

Luiz Paes De Oliveira Suppia, *Cartografias para a ficção científica mundial – cinema e literatura* [2015], funcionam como um ponto de partida para este estudo, que propõe a expansão das análises sobre um viés que considere, também, a representação feminina. Com o intuito de desvendar as personagens femininas nesse tipo de produção, a hipótese é ir além de promover uma categoria de arte feminista para o filme, o que poderia ser problemático e bastante restritivo a uma estratégia característica das artistas norte-americanas do início da década de 1970, como bem explica Duda Kuhnert em seu texto para o livro *Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade* [2018], organizado por Heloísa Buarque de Hollanda. A autora compreende o termo “arte feminista” como algo equivocado, historicamente ligado a uma realização que só poderia depender de mulheres ao promover uma estratégia característica para um grupo específico, o que impediria a observação de construções mais complexas e menos óbvias em torno do assunto. A ideia é percorrer as possibilidades advindas de um gênero que, em grande parte de suas narrativas, trabalha a multiplicidade dos universos e as possibilidades de passados, presentes e futuros. Assim, abrimos nosso questionamento: o que exatamente essas produções consideradas como ficção científica podem oferecer para os debates feministas contemporâneos brasileiros?

Revista Poiésis, Niterói, v. 22, n. 38, p. 293-308, jul./dez. 2021 [<https://doi.org/10.22409/poiesis.v22i38.49000>]

Ao partir do filme *Os Cosmonautas* [1962] de Victor Lima, salientamos a construção de duas personagens: Alice, uma jovem cientista que auxilia o professor Inacius Isidorius [Álvaro Aguiar] e sua equipe nos procedimentos e estudos responsáveis por enviar os cosmonautas à Lua, por meio do foguete Nacionalista II – missão essa que precisa ser cumprida antes que os russos e os americanos cheguem ao satélite; e Krina Iris, uma simpática e inteligente alienígena habitante do planeta Korson, que surge com a missão de convencer os seres humanos do planeta Terra a cessarem com os gastos em armas, guerras e a exploração espacial – alertando assim, para a construção de uma sociedade mais pacífica. Em ambas as personagens a caracterização a partir de um viés cômico é recorrente, algo muito capaz de reforçar as estruturas amplamente sexistas da sociedade, além de repetitivas das ideias do que poderia ser considerado como engraçado em uma determinada época. Assim, em *Os Cosmonautas* lidamos sim com o reforço de alguns estereótipos como a sexualização e a objetificação do corpo feminino: a música leitmotiv de Krina, por exemplo, a apresenta como uma figura tipicamente sedutora, já as insinuações com relação a beleza como algo a ser mais valorizado que a profissão, no caso de Alice, é uma constante em seu ambiente de trabalho. No entanto, a dupla que se encontra em lados à primeira vista antagônicos, reverbera de uma

perspectiva mais contemporânea, uma abordagem que deixa de se preocupar somente com os retratos reificados e permanentes, o que nos concede a possibilidade de uma visão mais panorâmica. Por essa razão, a análise proposta tenciona entre as leituras centradas em um suposto olhar masculino², mas que não deixam de colocar em pauta um viés crítico e que aponte as complexidades na construção dessas figuras.

ENTRE CIENTISTAS E ALIENÍGENAS – POR CONSTRUÇÕES MAIS PLURAIS

O filme de 90 minutos com argumento e direção de Victor Lima, é considerado uma chanchada tardia, estreada um pouco depois da crise dos mísseis em Cuba. A denominação de chanchada tardia se dá pelo fato de que, quando o filme fora lançado, o tipo de comédia nomeada de chanchada já estava em amplo declínio. No entanto, críticas da época chegam até a descomprometer o filme como chanchada, reconhecendo que nele havia algo a mais com relação as preocupações a respeito da Guerra Fria e a modernização do país, ainda que grande parte das críticas concluíssem de forma severa e até bastante negativa as impressões sobre sua história.

Ao apresentar um enredo bastante pacifista, *Os Cosmonautas* conta a história do professor Inacius

Isidorius, chefe do Centro de Pesquisas Espaciais de Cabo Carnival no Brasil, que acaba de lançar um de seus foguetes para o espaço, sempre acompanhado da atenciosa cientista/secretária Alice [Telma Elita] – essa duplicidade de funções é estabelecida por este trabalho, já que na sinopse disponibilizada pelo site da Cinemateca Brasileira, a personagem de Alice não é citada em relação a sua função. Alice é uma moça que funciona como um ponto de equilíbrio no caótico laboratório espacial constantemente visitado por jornalistas, figuras políticas e cientistas – em sua grande maioria homens. O professor se prepara de forma muito confusa para enviar não mais um símio, mas dois homens à Lua, antes que russos e americanos cheguem ao satélite. A busca emergencial por dois cosmonautas começa com a ajuda do irrequieto Zenóbio [Grande Otelo], chefe do FBI [Fiscalização Brasileira de Investigações], que deve encontrar duas pessoas designadas como inúteis, já que, se a experiência não for bem-sucedida, ninguém sentirá falta deles. Gagarino da Silva [Ronald Golias] é um dos cosmonautas que passa por um treinamento intensivo para o dia do lançamento. Gagarino é bastante irreverente, engraçado e atrevido, completamente o oposto de Zeca [Átila Iório], sua dupla na viagem espacial, um homem interessado na bomba de cobalto, capaz de destruir o planeta e que vale alguns milhões de cruzeiros. No

meio dessa confusão, Gagarino recebe a visita da alienígena Krina Iris [Neide Aparecida], dotada de alguns poderes especiais e muita perspicácia. Habitante do planeta Korson, a alienígena vem em busca de ajuda para completar a sua missão: é preciso que se convença os seres humanos a cessarem os gastos com as guerras e comecem a investir em melhorias para melhores condições de vida de sua sociedade.

Ao apontar para um dos caminhos possíveis de florescimento da ficção científica no cinema brasileiro, *Os Cosmonautas* “é um raro exemplo de comédia em que a ficção científica assume a dominante narrativa, ou pelo menos compete em igualdade de condições” [SUPPIA, 2007, p. 107]. Diferente da corrente mais depurada e com intenções de problematizar temáticas ambientais e ecológicas, o filme de Victor Lima se assume em meio a um tipo de produção que se apropria da chave da paródia em sua leitura debochada da Guerra Fria. Tal artifício de recriação não é recente e não se resume, apenas, às lógicas do cinema contemporâneo, como bem explica Rogério Ferraraz no artigo *Da ficção científica à comédia: o [des]arranjo dos gêneros em O homem do Sputnik e Por incrível que pareça* [FERRARAZ, 2006, p. 140-153], disponível no livro *Cinema de Bordas*.

[...] como a nossa cinematografia, em momentos distintos como os anos 50 e 80, conseguiu, a partir de fragmentos e ideias de um gênero específico, no caso, a ficção científica, desenvolver outro gênero, a comédia, construindo filmes que satirizavam e parodiavam não só o cinema, e suas convenções estéticas e narrativas, como o próprio país. Alguns iam além e ridicularizavam, através da ironia ou do escracho, o discurso das grandes potências e o desenvolvimento científico e tecnológico, um dos pilares que sustentavam [e sustentam até hoje] o gênero que servia de ponto de partida aos próprios filmes. [FERRARAZ, 2006, p. 143]

Assim, a comédia acaba se impondo como um dos nossos grandes gêneros cinematográficos de nosso país. A perspectiva que o escritor de ficção científica Roberto de Sousa Causo descreve em sua crítica de *Os Cosmonautas* também aponta para uma confirmação do uso dessa comicidade e das produções à margem do dito cinema *mainstream*, revelando uma perspectiva igualmente importante para pensar a estrutura e o desenvolvimento das personagens femininas nessa história: a sátira sobre a invenção da padronização e dos estereótipos em nossa sociedade.

Assim como as comédias de FC americanas com os Três Patetas ou Abbott e Costello, [Os Cosmonautas] é sátira de filmes B de ficção científica que usa muito bem a linguagem dessas produções [ao contrário do que Os Trapalhões, por exemplo, iriam fazer quinze ou vinte anos mais tarde]. [FERRARAZ, 2006]

Ao desenvolver uma metodologia sincrética e tão canibal quanto a chave antropofágica da chancha-

da, os enredos adaptados à realidade das produções nacionais confirmam o escracho e o deboche como uma forma autêntica de falarmos sobre nós mesmos. E esse falar sobre si não descarta a necessidade de criticar aquilo que é dominante e do qual nos alimentamos, ou seja, aquilo que vem de fora – algo como um eurocentrismo velado. É preciso levar em conta os prazeres inegáveis desse alimento – em nosso caso, as referências estadunidenses, reconhecendo-as como parte integrante e importante de nosso cinema. Tal perspectiva é muito bem pontuada por autores como Ella Shohat e Robert Stam em *Crítica da imagem eurocêntrica – Multiculturalismo e Representação* [2006], ao discutirem sobre a construção das imagens no cinema e os cuidados com uma suposta simplificação das representações.

A preocupação exclusiva com imagens, positivas ou negativas, pode levar a um certo tipo de essencialismo, em que críticos menos sutis reduzem uma variedade complexa de retratos a uma série limitada de fórmulas reificadas. Esse tipo de crítica força diversos personagens a se encaixarem em categorias preestabelecidas, levando a um tipo de simplificação reducionista que reproduz justamente o essencialismo racial que deveria ser combatido. [SHOHAT; STAM, 2006, p. 289]

Nesse sentido, conseguimos identificar nas personagens femininas apresentadas uma configuração que perpassa pelos modelos canônicos ou estereotipados, que sugerem ideias irrefutáveis de imagens positivas e/ou negativas, muitas vezes, como

representações rotuladas, mas que, em determinados momentos conseguem apontar para outros caminhos de interpretação.

PEQUENAS SUBVERSÕES PARA GRANDES PERSONAGENS

Alice é, praticamente, a única mulher cientista do filme, e sua personagem se exercita em uma constante retaguarda, pelo menos em termos de imagem. Na maior parte das vezes, ao executar o seu papel de cientista, ela aparece em segundo plano ou, se em primeiro, divide a cena com outras personagens que, em sua grande maioria são homens. Todavia, em alguns momentos ela se destaca, principalmente nos trechos em que a relação com Gagarino é explorada – aqui, a sua aparência su-

gere algumas mudanças. Um vestido preto que lhe permite deixar os braços a mostra – possibilidade que o jaleco branco não concedia até então; o cabelo parcialmente

solto que faz volume em uma franja presa, deixa em destaque o seu rosto, que agora também se livra dos óculos, enfatizando o seu olhar – a atenção se volta para o dito espelho da alma, o melhor e mais óbvio lugar para enxergarmos o amor entre o casal.

À Gagarino o comentário sobre essa transformação é concedido por meio de uma comparação machista que estabelece algumas concepções do que pode ser bonito ou não: é quando ele retira gentilmente os óculos de Alice – um símbolo de sua capacidade intelectual, “com esse negócio de cientista aí eu nem olhei pra você, agora que eu tô reparando que você é um bocado bonita”, sugerindo que o fato de ser cientista e portadora de uma beleza física, fossem qualidades incapazes de ocupar um mesmo corpo. É importante lembrar que, tal ideia, constantemente apreciada por Gagarino, também se estende a própria concepção dada por Alice, quando a cientista, mais tarde, afirma que estava se esquecendo de ser mulher pelo fato de estar apaixonada pela ciência – uma alarmante incompatibilidade entre inteligência e beleza que também faz parte das convicções da jovem cientista.

O assédio sofrido por Alice é recorrentemente abordado por meio de piadas, sua profissão de cientista não parece tão comum a uma mulher: ao receber diversos flertes do deputado Veloso [Carlos Tovar], quase sempre sozinha – “uma cientista tão bonita”, “gostaria que fosse minha secretária” – comenta o político, sempre se aproximando. Alice é obrigada a se afirmar de alguma maneira, promovendo um juízo de valor próprio com relação à sua classe – “eu não sou secretaria, deputado,

sou cientista”, revela ela por meio de uma voz que existe, e é rebatida com outro flerte que coloca o seu trabalho em função de uma relação amorosa forçada e embasada na ideia de posse, “pois bem, gostaria que fosse minha cientista”.

No caso de Krina Iris, a extraterrestre que surge para promover um tratado de paz entre as potências do planeta Terra, reconhece-se a tratativa de uma figura mais petulante, sugerindo outras possibilidades de existência para as mulheres em meio a um vasto e desconhecido universo. A alienígena é confirmada por meio de pequenas ações que costumam infringir algumas leis ou regras pré-estabelecidas em nosso mundo, como quando ela obriga Gagarino a entrar em um local estritamente proibido no laboratório ou no momento em que ela deixa propositalmente os cosmonautas congelados para poder decidir algumas coisas da missão completamente sozinha. Quando surge, Iris é recebida com piadas que exacerbam a sua beleza – “a senhorita é muito bonita, simpática, até cheirosa” – e, posteriormente, ao apaixonar-se por Gagarino, se revela por meio de uma certa inocência com relação às questões amorosas entre os indivíduos, algo que se explicaria: [1] pelo modo de vida em seu planeta? ou [2] a partir de uma ideia de feminilidade já reconhecida, taxada como inocente e utilizada por ela, de forma amplamente consciente?

Na discussão entre Krina e Gagarino, as partes parecem falar de coisas distantes: a missão de salvar o planeta e as relações amorosas heterossexuais. Krina questiona Gagarino sobre o seu comportamento com Alice, “você me viu namorando a Alice e está com ciúmes”, afirma o cosmonauta, enquanto isso, Krina nega tal sentimento e explica que ela não pode esquecer de sua missão. Dessa forma, é possível constatar que, salvar o mundo e ter um namorado são duas coisas que não podem acontecer ao mesmo tempo para uma mulher/extraterrestre, ou pelo menos, não são permitidas neste planeta. Nesse momento, Gagarino muda novamente o foco do assunto e responde que pode conquistar qualquer mulher com um beijo, é quando Krina pergunta o que é um beijo, estabelecendo assim, duas diretrizes possíveis: [1] uma compreensão distinta do amor, que não se baseia, somente, nas relações heterossexuais e, [2] uma compreensão completa das intenções do cosmonauta, mas que ela camufla com uma suposta inocência, utilizada com ampla sagacidade.

Dona de um corpo capaz de atravessar as paredes, Krina demonstra, por meio dos não limites de seu físico, diferenças muito significativas entre a sua sociedade e a dos terráqueos. Com uma aparência futurista composta por roupas angulosas e um penteado timidamente despojado – ainda que

cuidadosamente arrumado em uma franja que lhe concede um ar bastante juvenil, Krina se movimenta com muito mais facilidade nos espaços quando comparada, por exemplo, a mais comediada Alice – o fato da extraterrestre não ter que lidar com os limites físico de um corpo, obviamente, contribui muito para isso. Krina, diferente de Alice, está quase sempre em primeiro plano, até mesmo quando divide o quadro com os cosmonautas. A extraterrestre, já prestes a completar a sua missão interplanetária, demonstra toda a sua sabedoria e conhecimento quando começa a explicar sobre a gravidade em meio a espaçonave – uma das forças fundamentais da nossa natureza, mas que produz efeitos incapazes de a atingir. Ao mesmo tempo, ela recebe um elogio de Zenóbio por sua exposição e domínio do verbo – “a senhora que é tão sabida”. Nessa mesma cena, o agente do FBI está completamente desesperado por estar fora de seu habitat natural e pede para que ela os ajude a retornar para o planeta Terra: Krina é vista como uma autêntica heroína.

Nesse segmento fica demarcado o tom irônico, mas nem por isso debochado de Krina Iris com relação a angústia dos cosmonautas – o desespero dos terráqueos aponta para um despreparo não apenas emocional, mas científico daqueles homens – a extraterrestre está, definitivamente,

mais bem preparada para enfrentar tal situação. A ironia está, justamente, nesse embate: a figura feminina quase sempre ligada aos comportamentos históricos e desestabilizados pelo aspecto emocional, precisa surgir de outros mundos para refutar a falácia da fragilização.

No entanto, mesmo com algumas pequenas, mas representativas modificações no trato da figura feminina, as trajetórias de Alice e Krina Iris ainda tentam replicar uma lógica do relacionamento heterossexual e que chega a apontar brevemente para uma disputa entre elas, algo que, na verdade, não ocorre profundamente. Ambas habitam mundos aparentemente diferentes, mas compartilham entre si e sem saber, um espírito que é coletivo e colaborativo. Esse espírito que é simbolicamente feminino – como explica a historiadora e designer em sustentabilidade Carla Tennenbaum [2019], ao se referir a um tipo de economia e modo de vida ligado à circularidade, a regeneração e o cuidado com o lugar que habitamos, pode parecer, em um primeiro momento, bastante essencialista, mas é útil para nos

fazer pensar além dos aspectos binários e lineares, trazendo à tona elementos como as agências dessas personagens. Tennenbaum se refere ao pensamento linear dentro de uma lógica que, não precisa ser destruída, mas repensada e, no caso de nossas personagens, as colaborações para um mundo melhor – o bem estar social em detrimento da guerra, nos parece condizente.

Não é que esse pensamento esteja errado, ou precise acabar. Pelo contrário: ele é útil e ajudou a impulsionar diversas conquistas – sejam científicas, econômicas ou tecnológicas. Mas a sua prevalência absoluta contribuiu para o estado de destruição e crise ambiental, econômica e social em que nos encontramos. Se estamos buscando alternativas, e nos lançando ao desafio de construir outras imagens de futuro – essa que estamos chamando de economia circular, por exemplo... Então é preciso antes de tudo questionar a lógica que criou o problema, entender as suas sombras e os seus limites. E investigar outros modos de perceber e atuar no mundo.

[TENNENBAUM, 2019]

Seriam Alice e Krina pontos de partida para tal investigação? Dentro do alcance de cada uma, sim! O ímpeto da colaboração – seja participando das descobertas científicas ou colocando em prática um plano de salvamento – faz com que Alice e Krina, mesmo exacerbadas à sujeição ao tempo cíclico, sejam capazes de incorporar uma ação dentro do tempo linear. Os diferentes tempos apontados por Julia Kristeva em *The Kristeva Reader* [1986] dizem respeito à forma como as mulheres foram confinadas ou privadas do tempo da história e do progresso – o dito tempo linear e, de outra perspectiva, como foram e ainda são designadas ao tempo

circular, ou seja, aquele da gravidez, de uma suposta índole feminina da qual não é possível escapar e que se explica por meio da natureza e suas “fases” – ou o dito tempo natural da mulher.

Entre os meandros do cíclico e do linear, seria possível descobrir as complexidades desse “ser” denominado mulher? Alice e Krina Iris promovem o que podemos chamar de desconstrução de conceitos supostamente naturais ou naturalizados –, principalmente nos momentos da negação amorosa ou no combate das justificativas biológicas para explicar o trabalho. Ambas incorporam, em determinados momentos, as complexidades dos processos, as mudanças e as descontinuidades de uma constante e incansável construção sobre o ser mulher. Autoras como Maria Izilda Santos de Matos, Andrea Boreli e Rosana Schwartz em *Da invisibilidade ao gênero: trajetórias, perspectiva, possibilidades e desenvolvimento* [2015], apontam para transformações das questões de gênero, revelando que é impossível argumentar apenas a partir de lugares fixos ou sedimentados, pois, ao mesmo tempo que enxergamos a contribuição feminina, também revelamos as suas sobrecargas e distorções no trabalho, na família, no âmbito social e na cultura.

Ao considerarmos tal multiplicidade para a análise de *Os Cosmonautas*, ainda que um pouco na

contramão de Alice e Krina, não podemos deixar de citar outras personagens femininas que, mesmo ocupando papéis secundários, também conseguem desvelar questões não contempladas na cientista e na extraterrestre. Inclusive, essas tantas personagens nem sequer são citadas nos créditos iniciais do filme e não foram igualmente catalogadas em suas identidades/elenco na base de dados disponibilizada pelo site da Cinemateca Brasileira. Nesse sentido, podemos destacar dois grupos principais de mulheres: as cosmonautas que estão no laboratório em preparação para uma viagem ao espaço e as terráqueas, que se encontram em uma loja de roupas no início do filme.

As mulheres que estão há meses congeladas sendo preparadas para o espaço, prefiguram uma representação da mulher sexualmente ativa e selvagem – estão vestidas de biquíni e são transformadas em estátuas geladas como uma forma de silenciamento: o que importa são os seus corpos e não o que elas têm a dizer, ainda que suas falas passem por afirmações irônicas como a de que Gagarino até que serve para as garotas que estão congeladas há meses. Agora, essas mulheres, colocam o aprendiz de cosmonauta em segundo plano, deixando subentendido de forma igualmente problemática, que também é possível dividir os homens em categorias, como acontece com elas mesmas – já que

uma delas comenta, “gostaríamos que eles fossem simpáticos [os cosmonautas] assim como você” – revelando um suposto estereótipo do como seria o homem da ciência.

As futuras cosmonautas, promovem a repetição de lógicas totalmente machistas, o que não as fazem muito diferentes em comportamento, somente pelo fato de serem mulheres. Ainda que encaradas como as mulheres da ciência – na visão e sob o poder e controle dos homens, já que foram congeladas por eles – apresentam-se sobre uma outra chave quando comparadas às mulheres encontradas por Gagarino no início do filme. Nessa sequência, Gagarino ainda não fora selecionado para participar da viagem espacial, por isso, tenta outras formas de sobrevivência, como por exemplo, ser vendedor de eletrodomésticos. É quando o aprendiz de vendedor entra em uma loja de roupas totalmente voltada para o público feminino, na tentativa nada bem-sucedida de vender o seu aspirador de pó. Na loja, as mulheres são apresentadas como incisivamente consumistas e histéricas, muitas aparecem com pouca roupa – já que se trata, justamente, de uma loja em que as pessoas podem experimentar diferentes peças. Nesse aspecto, a utilização do corpo feminino com pouca roupa é igualmente explorada em ambos os casos: tanto para as ga-

rotas congeladas no laboratório quanto para as mulheres que fazem compras na cidade.

Enquanto no Centro de Pesquisas Espaciais de Cabo Carnival no Brasil as mulheres se preparam para viagens espaciais, na loja terráquea, as mulheres experimentam roupas, sapatos e passam o tempo dispendendo atenção para objetos que satisfazem os seus desejos por um consumo desenfreado. Em ambos os grupos de mulheres conseguimos observar uma dinâmica aparentemente binária e problemática que o filme almeja tratar, um já ultrapassado julgamento que “ignora a instabilidade histórica dos estereótipos” [SHOHAT; STAM, 2006, p. 289] ao contrapor, como valores anuláveis, a aparência e o conteúdo. Todavia, ao retornarmos para as protagonistas – Alice e Krina Iris –, tal afirmação não deve ser feita de maneira categórica, afinal, a abordagem de um tipo de personagem – se é que ainda podemos falar em tipos – não significa necessariamente confirmá-lo, mas confrontá-lo em sua própria existência: o que pode ser uma mulher? Uma extraterrestre que está há anos luz de compreensão do planeta Terra pode se apaixonar por um homem “mulherengo”? Cabe a uma cientista bem-sucedida ser “ingênua” em seus relacionamentos amorosos?³ Aparentemente sim.

PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES

A procura por personagens femininas que ultrapassem os modelos canônicos e as divindades impe-cáveis que obedecem aos repetitivos padrões de beleza e comportamento da sociedade ocidental, aponta para caminhos muito valiosos na compreensão da figura feminina no cinema brasileiro de ficção científica. Ao resgataremos um filme como *Os Cosmonautas*, uma ficção científica também fora dos padrões reconhecidos do gênero e estabelecidos, em sua grande maioria, por histórias estadunidenses ou europeias, conseguimos construir pensamentos que não se limitam, apenas, ao entendimento desse gênero em nosso país, mas como esse gênero pode ajudar na criação de personagens instigantes e que podem, mesmo depois de muito tempo, ter algo para nos dizer.

Assim, longe de promover algo como uma ficção científica feminista, o que provavelmente nos faria cair em um círculo vicioso de categorização do qual grande parte do gênero está longe, a análise reforça as construções complexas e que se utilizam também do corpo feminino – ferramenta não apenas de enclausuramento, mas de emancipação, mesmo que em situações muito pontuais. Ao revelar momentos que se intercambiam entre uma representação mais estereotipada de mulheres universalmente sensíveis, amorosas e subservien-

tes, assim como o fortalecimento de outras ideias, como a das mulheres presentes no mundo da ciência ou realizadoras de grandes feitos, *Os Cosmonautas* indica transformações importantes que uma ficção científica de viés mais antropológico poderia sugerir para as mulheres.

As inúmeras possibilidades do ser mulher já podem ser apontadas nessa história: seria essa uma possível premissa do que viria a ser os esperançosos anos 60 para o mundo e, em alguma escala, para o Brasil? Nos confrontamos com uma premissa para a tímida, mas florescente e cada vez maior e mais intensa tomada de espaço, voz e mãos das mulheres no mundo científico, sejamos cientistas ou extraterrestres – nas mais diversas compreensões do que isso pode significar – é preciso nos entendermos como parte operante e fundamental: são as nossas ações postas em prática para a [des] construção de um futuro cada vez mais presente. <

NOTAS

- 1 Trabalho apresentado no VII Colóquio de Cinema e Arte da América Latina em 2019 na mesa sobre Cinema, Arte e Gênero.
- 2 O “suposto olhar masculino” a que me refiro, não pretende reproduzir a ideia de que exista um olhar essencialmente masculino ou feminino, tornando as análises tão dualistas. Ao longo de texto, é possível perceber que, os estereótipos são momentaneamente reforçados também, pelas personagens femininas – o que não elimina a possibilidade de utilizá-los como formas de subversão por elas mesmas. Tal problemática está imbuída na análise fílmica, ainda que não tenha sido amplamente percorrida no âmbito teórico, demonstrando que a discussão levantada para este filme merece outros aprofundamentos.
- 3 As perguntas de teor ambíguo servem para retomar o que acontece na trajetória de cada uma das personagens no filme, demonstrando que elas não devem obedecer a padrões de ou/ou, reforçando um caráter dual do qual o pensamento feminista, ou pelo menos alguma parte dele, tenta de desvencilhar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAUSO, Roberto de Sousa. “Os Cosmonautas”, *Terra Magazine*, 2006. Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/imprime/0,,O11100146-EI6622,00.html>. Acesso em 11/7/2019.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Explosão feminista: Arte, cultura, política e universidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

KRISTEVA, Julia. *The Kristeva Reader*. Nova York: Columbia University Press, 1986.

LYRA, Bernadette; SANTANA, Gelson [org.]. *Cinema de Bordas*. São Paulo: Editora a lápis, 2006.

LYRA, Bernadette; SANTANA, Gelson [org.]. *Cinema de Bordas 2*. São Paulo: Editora a lápis, 2008.

MATOS, Maria Izilda Santos de; BORELI, Andrea; SCHWARTZ, Rosana. Da invisibilidade ao gênero: trajetórias, perspectiva, possibilidades e desenvolvimento. In: *Gênero, terceiro setor e desenvolvimento: Quebradeiras – uma luta pela preservação do meio ambiente e cultura dos babaçuais*. São Paulo: Verona, p.38-79, 2015.

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. *Crítica da imagem eurocêntrica – Multiculturalismo e Representação*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

Carolina de Oliveira Silva, A MULHER CIENTISTA E A MULHER ALIENÍGENA: a representação feminina em uma ficção científica brasileira.

SUPPIA, Alfredo Luiz Paes de Oliveira. *Limite de Alerta! Ficção Científica em Atmosfera Rarefeita: Uma introdução ao estudo da FC no cinema brasileiro e em algumas cinematografias off-Hollywood*. 2007. Tese [Multimeios] – Unicamp, São Paulo, 2007.

SUPPIA, Alfredo Luiz Paes de Oliveira. *Cartografias para a ficção científica mundial – cinema e literatura*. São Paulo: Alameda, 2015.

TENNENBAUM, Carla. *O circular é feminino*. *Ideia Circular*, 9 de março de 2019. Disponível em: <https://www.ideiacircular.com/circular-e-feminino/?fbclid=IwAR1FNjNHnjb7uOkd9HhtJUmfQZiloMgA-vmuyrWliafIUeigSQZtusyLH0>. Acesso em 12/6/2019.